



## STEPHANIE BRITE - UM PONTO NO PASSADO

Brite caminhava por uma ruela cheia de lama debaixo de uma grossa chuva. Uma chuva fria e um vento que cortava a alma. Que lugar era aquele? Casas tomadas pelo tempo se estendiam de ambos os lados, parecia não haver por onde escapar, nenhuma saída daquele túnel, nenhum ponto onde se abrigar da chuva ou escapar do cortante frio. Um fino zunido em sua mente a fazia seguir em frente.

*A comandante Stephanie Brite era a comandante da espaçonave Sagitt I que adentraram o buraco negro Sagittarius A e há algum tempo tentava buscar o caminho de volta, mais que isto, o tempo correto de suas existências. Após ultrapassarem o tão sonhado buraco negro a nave e toda a tripulação foram arremessadas em diferentes eras da Terra, chegando mesmo aos primórdios de nossa existência. Dos tripulantes humanos apenas Brite permanecia consciente e com ela os andróides Phélix e Agora mantinham a nave em operação. Além de realizarem todos os trabalhos científicos eles eram os companheiros ideais para Brite, como ela já deixou isto claro em algumas de suas anotações.*

Um zunido que aumentava gradativamente à medida que Brite seguia em frente. Um zunido incompreensível, mais parecido com o sibilar de uma serpente. Entorpecia sua mente, uma mente que em nada parecia ser da grande comandante Stephanie Brite. A grande comandante da Sagitt I.

O túnel parecia não ter fim. Suas pernas já estavam cambaleantes de tanto ter trilhado aquele lamaçal. No fim, muito ao longe, uma opaca luz surgia como do nada, um ponto muito fraco, quase imperceptível de onde parecia vir aquele chamado. Aos poucos percebeu um corpo masculino caído debaixo daquela chuva torrencial. Com cuidado virou seu corpo... mas... ao perceber seus olhos não se conteve...

*Os instrumentos da espaçonave Sagitt I indicavam que algo estranho se aproximava, então Agora que naquele momento estava no comando da espaçonave observou o que acontecia e informou imediatamente a comandante Brite, que se dirigiu à ponte de comando. Era algo fantástico, a imagem logo à frente. Milhares de pequenas naves descendo à superfície da Terra, como estrelas cadentes, destas que vemos ao anoitecer e fazemos pedidos. Espaçonaves muito pequenas de uma beleza inimaginável e que cruzava o espaço muito rápido, vindo não se sabe de onde... era um espetáculo jamais visto por qualquer ser humano.*

*Quando aquelas milhares de luzes ou espaçonaves desceram à Terra um clarão tomou conta de tudo e por alguns instantes nada podia ser visto. E em seguida, sem nenhum aviso, uma estrela muito grande, muito maior que toda a superfície do planeta Terra veio vagarosamente, aproximando-se do planeta, aparentava que a engoliria, mas ao invés*



*disto, ela simplesmente atravessou todo o planeta, como o cobrindo com aquela luz que tinha surgido do nada.*

*A fantástica e estranha luz não durou mais que alguns instantes, tão logo desapareceu restou apenas lembranças daquele maravilhoso momento. E tudo foi decisivo para a vida na Terra. Na tela principal da Sagitt I havia o registro de que a Terra tinha iniciado uma estrutura de vida que não existia em qualquer outro planeta da Via Láctea.*

**“Os seres humanos a muito abandonaram o elo da Criação. É chegado o momento para o bem da raça humana de vivenciarem novamente a Criação. Em sua época já é hora de voltarmos a ser respeitados”. A vida nos lagos da Terra brotaram e por toda parte haverá vida, haverá a Grande Luz. Todos os seres brotarão deste início e este permanecerá até que Ele sustente a vida por toda a eternidade”.**

*Então, a vida na Terra havia surgido. Aquela luz nada mais era que a mão de Deus. Porque Ele havia escolhido a Terra, se havia tantos outros planetas capazes de suportar a vida? Não sei por quê? Claro, todos fazem esta pergunta. Mas Deus sabe por que a escolheu. Somente a Terra tinha as condições ideais para suportar a vida como ela é neste quadrante do universo. Ele plantou as sementes que originaram os seres vivos, que permanecem se multiplicando até nossos dias e que evoluem a cada geração. A Via Láctea agora tinha um representante para as hostes divinas.*

*Claro, a comandante Brite não conseguiu suportar aquela luz e levou imediatamente suas mãos ao rosto tapando-o e abaixando a cabeça...*

*Phélix também chegava à ponte de comando da espaçonave e como Agora inspecionava todos os comandos da espaçonave para que novamente programassem um novo curso e retornassem ao seu tempo. Sempre acreditaram que tomando o caminho de volta ao buraco negro poderiam chegar salvos em casa, ou até mesmo do ponto em que haviam partido. Isto era o que Brite esperava, mesmo com as informações contrárias que os andróides lhe davam. Eles não acreditavam que fazendo isto poderiam retornar, pois, mesmo com o auxílio dos equipamentos modernos da Sagitt I, não conseguiam uma rota segura de volta ao buraco negro. Era tudo estranho e eles não gostavam de trabalhar com suposições. Suas mentes há muito foram projetadas para apenas trabalhar com o racional e em muitos casos estranhavam as decisões de Brite.*

Brite, desesperada, olhou para aquele homem jogado ali, naquela lama sob uma chuva torrencial e assim permaneceu por instantes, instantes que pareceram uma eternidade.



Não podia ser... por quê? Aquele homem ali, jogado, abandonado, todo enlameado, por quê? O que havia a feito estar naquele local estranho? Como, se ela estava à bordo da espaçonave Sagitt I, lutando com todas as forças para achar um caminho de volta ao lar? Como havia chegado ali? Só podia ser um sonho, ou alguma magia estranha. Claro, nada era impossível, mesmo durante os anos de 2.500 onde a tecnologia dominava tudo, ainda havia rumores de que xamãs e outros místicos habitavam a Terra, escondidos em seus domínios ou mesmo reclusos, as notícias da existência dos mesmos nunca se extinguíram. E também todos os seres humanos sabiam que a cada descoberta no espaço exterior mais fascinante ficava a disputa entre o imaginário e a ciência, se bem que ambas andavam juntas, mas sempre havia uma discussão sobre isto ou sobre aquilo... quem tinha razão?

Brite apertou seus olhos e podiam-se notar lágrimas descendo sobre o belo rosto, aquele homem deitado ali, quase sem vida, era Aléxis Z. Brite Zartov, agora com oitenta e oito anos (vários rumores diziam que tinha muito mais), e ainda aparentava um sorriso jovial, quase inocente, quando viu sua filha o abraçar. Sim, não restavam dúvidas, aquele homem era seu pai, o homem que lhe dera vida e que desde a infância, desde que se lembra, aos seis anos mais precisamente, quando seu pai, ainda muito presente em sua vida lhe dava os primeiros ensinamentos sobre as grandes viagens e planetas exteriores. O velho Zartov acreditava que sua filha teria uma grande missão em busca de vida em outros lugares e o mais correto seria coloca-la no programa espacial. Tudo fez para realizar este sonho e realmente conseguiu, pois Brite também ansiava pelo desconhecido e queria – talvez tanto quanto seu pai – sair em busca de alienígenas.

Faziam cerca de trinta anos que o velho cientista Zartov havia desaparecido, diziam que havia saído em busca de provas de alienígenas e que no Canadá isto nunca seria possível. A última notícia que tiveram dele dizia que estava a bordo de um cargueiro em direção as estepes russas, perseguindo os passos dos antigos xamãs. Ele acreditava que naquela região ainda haviam guardados os segredos de uma civilização que a muito visitara a Terra e que deixara seus embriões. Ele acreditava mesmo que os terráqueos eram frutos de uma raça muito antiga de lugares nunca imaginados pelo homem. A ciência apesar de muito evoluída ainda não dava conta de explicar estes pensamentos do grande Zartov e por todos os manifestos que ele havia feito os órgãos do governo não o viam com bons olhos e logo começou a ter vários problemas em seu cargo de Diretor do Centro de Inteligência Espacial – CIE. Não demorou muito, então, para perder seu cargo. Quando Brite entrou para a NASA decidiu-se que utilizaria somente o nome Stephanie Brite, abolindo o sobrenome de seu pai Zartov, o que poderia prejudicar seu futuro sucesso no programa espacial.

Brite lembrava com carinho de sua infância quando ainda, ao final do dia, cansada de correr pela relva que cobria os arredores de sua vila natal, seu pai sentava com ela perto de um riacho e lhe contava histórias a muito esquecidas, histórias que nenhum outro pai contava para seus filhos. Brite permanecia todo o tempo necessário, quase que hipnotizada pela beleza que havia em suas narrativas.

*“Querida, nunca se esqueça desta brisa, calma, cheirosa que brota e viaja por todos os campos. Nunca se esqueça desta relva que serve aos animais e que acalma o vento. Nunca se esqueça deste riacho que traz a vida em suas cristalinas águas”.*



Claro, as lembranças que Brite tinha de seu pai eram das melhores e porque agora aquele homem que tanto admirava se encontrava ali, quase sem vida?

*Brite levantou a cabeça e o clarão havia passado, desaparecido, como se nunca houvesse existido. Nada poderia confirmar aquela maravilha se não fossem pelos registros de Agora e Phélix, os eternos companheiros daquela estranha viagem.*

*Brite pode sentir que alguma coisa no ambiente daquela espaçonave estava diferente, não sabia dizer com clareza o que, mas algo estava diferente... num relance de olhos percebeu um vulto como se fosse um anjo cruzar em sua frente, mas foi tão rápido que seus olhos não conseguiram acompanhar. Sabia que nada disto poderia ser dito aos andróides pois eles simplesmente a ignorariam. Mas Brite tinha certeza do que tinha visto. Que pena que os demais tripulantes estavam desacordados. Eles, certamente, poderiam confirmar sua visão.*

**“Vossa viagem apenas começou. Sigam em frente viajantes, as estrelas mostrarão o caminho a seguir”.**

*Brite ouviu isto como um leve sussurro.*

Era, certamente os últimos momentos de Zartov, um homem que lutou de muitas formas para provar suas teorias agora estava prestes a entrar em sua última jornada, caído nos braços de sua querida filha Stephanie Brite, a pequena Zartov como a chamava, quase sem vida ele pronunciou: **“Pequenina eu estava certo. Eu estava certo. Há muito mais a ser conhecido pelos terráqueos. Eles estão aqui. Estão em todos os lugares. Abra seus olhos minha filha. Acredite em mim. Eu achei o que buscava. Tome leve contigo este pequeno anel onde quer que vá. Ele poderá lhe ajudar nos piores momentos”.** Era, aparentemente um simples anel, como qualquer outro, mas Brite o guardou. Brite entendeu que seu pai havia realmente encontrado as respostas para as perguntas que havia feito por toda a vida, ele havia atingido sua busca. Então silenciosamente Zartov partiu.

Stephanie Brite

Walter Veroneze  
20.12.2010